



Faculdade de Pindamonhangaba



José Henrique Lopes Sampaio

Michel Leandro Guimarães

Tácito Lúcio Ferreira

**UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA MORDOMIA CRISTÃ:
A INFLUÊNCIA DO NEOLIBERALISMO ECONÔMICO NA
DOCTRINA DA MORDOMIA CRISTÃ**

Pindamonhangaba – SP

2016



Faculdade de Pindamonhangaba



José Henrique Lopes Sampaio

Michel Leandro Guimarães

Tácito Lúcio Ferreira

**UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA MORDOMIA CRISTÃ:
A INFLUÊNCIA DO NEOLIBERALISMO ECONÔMICO NA
DOUTRINA DA MORDOMIA CRISTÃ**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do Diploma de Bacharel em Teologia, do Curso de Teologia da FUNVIC – Fundação Universitária Vida Cristã - Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientador: Prof. Me. Gabriel Aquino da Cruz

Pindamonhangaba – SP

2016

GUIMARÃES, Michel Leandro; FERREIRA, Tácito Lúcio; SAMPAIO, José Henrique Lopes;

Uma Abordagem Histórica da Mordomia Cristã: A Influência do Neoliberalismo Econômico na Doutrina da Mordomia Cristã / Pindamonhangaba-SP : FUNVIC: Fundação Universitária Vida Cristã, 2016. 30f: il.

Monografia (Graduação em Teologia) FUNVIC-SP.

Orientador: Prof. Me Gabriel Aquino da Cruz

1 Mordomia Cristã. 2 Neoliberalismo. 3 Neopentecostalismo.

I Uma Abordagem Histórica da Mordomia Cristã: A Influência do Neoliberalismo Econômico da Doutrina da Mordomia Cristã. II José Henrique Lopes Sampaio, Michel Leandro Guimarães, Tácito Lúcio Ferreira



Faculdade de Pindamonhangaba



José Henrique Lopes Sampaio

Michel Leandro Guimarães

Tácito Lúcio Ferreira

Monografia apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do Diploma de Bacharel em Teologia, do Curso de Teologia da FUNVIC – Fundação Universitária Vida Cristã - Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientador: Prof. Me. Gabriel Aquino da Cruz

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Me. Gabriel Aquino da Cruz

Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Prof^o Me. Wellington da Cunha Waldheim

Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Prof^o Esp. Ricardo Alexandre de Carvalho

Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Profa^o Esp. Fernanda Aparecida Z. de O. Aquino

Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura _____

Em primeiro lugar, dedicamos esse trabalho a Deus que sempre nos conduziu para que chegássemos até aqui. Dedicamos também às nossas esposas e filhos, pela paciência e suporte dados a nós, aos colegas de curso pelo companheirismo, e por fim, aos nossos queridos professores que, com reconhecido esmero, nos guiaram na busca do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

A Deus que em tudo nos sustentou e pela Sua graça nos trouxe até aqui, a Ele toda glória, louvor e honra pelos séculos dos séculos.

À Fundação Vida Cristã, pela oportunidade de graduar em seu espaço acadêmico, pela concessão da bolsa que nos possibilitou realizar este sonho, e por ter em sua equipe, professores competentes que nos proporcionaram uma formação de excelência.

Ao professor e orientador Gabriel Aquino da Cruz, por acreditar no quanto éramos capazes durante a trajetória do curso. Pelo incentivo, entusiasmo e dedicação para a realização deste trabalho.

Aos queridos e inesquecíveis professores do curso de Teologia, os quais estarão sempre nos nossos corações e serão motivos de nossa gratidão a Deus e de nossa intercessão.

Às nossas queridas esposas pelo apoio, paciência e por sonhar os nossos sonhos.

Aos nossos queridos filhos por suportarem a ausência de seus pais enquanto nos dedicávamos aos estudos.

“Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. Pois está escrito: destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos. ”

(I Co 1:18)

Resumo

O presente trabalho visa estudar a doutrina denominada mordomia cristã, especificamente no âmbito neopentecostal. A delimitação se insere dentro da realidade religiosa protestante do Brasil. Tem como objetivo pesquisar bibliograficamente o desenvolvimento do conceito de mordomia, pontuando as aproximações e distanciamento entre o pensamento reformado e o movimento neopentecostal e uma possível influência do neoliberalismo econômico na teologia neopentecostal em relação à mordomia cristã. Como resultado, espera-se levantar pontos positivos ou percepções que possam contribuir para a prática cristã da atualidade.

Palavras-chave: Neopentecostalismo. Mordomia Cristã. Neoliberalismo Econômico.

Abstract

The objective of this paper is to study the doctrine so called Christian benefit especially regarding to the Pentecostal one. It consists in the analysis inside the Brazilian Protestant religious reality. Its aim is to bibliographically search its concept development of benefit showing its proximity and distance between the reformed thinking vision and its Pentecostal (new charismatic) movement and a possible influence of the economical neoliberalism in the new charismatic movement theology related to the Christian benefit. It's expected to raise some positive aspects or perceptions that may contribute to the present Christian practice.

Key words: New Charismatic Movement, Christian Benefit, Economical Neoliberalism

Sumário

1	Introdução.....	9
2	Metodologia.....	10
3	Definição Histórico e Conceitual de Mordomia.....	11
3.1	Definição do Termo Mordomo no Hebraico.....	11
3.2	Definição do Termo Mordomo no Grego.....	11
3.3	Definição do Termo Mordomo no Latim.....	12
3.4	Definição do termo Mordomia na Atualidade.....	13
4	Neopentecostalismo.....	14
5	Neoliberalismo Econômico.....	16
6	Neoliberalismo Econômico e o Neopentecostalismo.....	21
	Considerações Finais.....	26
	Referências.....	29

1 Introdução

O presente trabalho busca o estudo do movimento neopentecostal no Brasil visando pesquisar bibliograficamente o desenvolvimento do conceito de mordomia cristã, pontuando suas nuances entre o pensamento reformado e o movimento neopentecostal brasileiro e as circunstâncias socioeconômicas em que tais mudanças ocorreram.

Como resultado, buscamos levantar as possíveis causas que conduziram a mordomia cristã a um distanciamento do seu conceito original.

Objetivamos ainda, levantar percepções sobre as consequências do abandono do conceito original de mordomia sobre o modo de vida do cristão do século XXI, o qual vivendo num contexto influenciado pelo neoliberalismo econômico é constantemente levado a crer que é dono e não cuidador das coisas que estão ao seu dispor, sejam bens materiais, dons ou capacidades e ainda sendo estimulado a uma ambição pelo poder.

Tal ambição é observada desde os primórdios da humanidade pois, desde sempre o homem é seduzido por uma intensa sede pelo poder, e esta sede se apresenta por meio de três formas de ambição: pelo dinheiro, pelo sucesso e pela influência.

Encontra-se esta sede pelo poder em todos os âmbitos e instituições: na política, nas relações familiares e no exercício profissional. Infelizmente, o problema se estende até a igreja, como combateu João Calvino em sua época: *“Aqueles que se aferram à aquisição de dinheiro e que usam a piedade para granjearem lucros, tornam-se culpados de sacrilégio”* (CALVINO, 2009, p. 168).

Em nossos dias percebem-se também traços deste problema: na luta pelo poder eclesiástico, no desempenhar a liderança em uma igreja local ou visando destaque nacional, evidenciando-se também nas disputas denominacionais, e ainda nas organizações paraeclesiásticas que buscam transformar-se em impérios mundiais.

Dada tal situação, se faz necessário o correto entendimento do conceito de mordomia cristã na atualidade, de forma a apontar as distorções em relação a esta importante doutrina.

Desta forma, a pesquisa em questão motiva-se pela notoriedade da escassez do ensino da doutrina da mordomia cristã nas comunidades evangélicas atuais, bem como os poucos escritos sobre o tema.

Tais fatores podem indicar um possível abandono do conceito original de mordomia cristã, ficando desta forma, prejudicado o senso de responsabilidade do homem em relação à

Deus, bem como o senso de dependência do homem em relação ao seu Criador, que ao criar e redimir tem duplo direito de propriedade sobre toda a criação.

Logo, a escolha deste tema visa fomentar a discussão sobre a influência do neoliberalismo econômico na teologia neopentecostal, como também, a importância que a mordomia cristã tem para a igreja atual e como seu correto entendimento pode influenciar positivamente a prática cristã da igreja pós-moderna e ainda, discutir sobre as possíveis consequências de negligenciá-lo.

Procuramos trabalhar duas questões norteadoras:

- O conceito de mordomia cristã sofreu uma mudança na era pós-moderna em relação ao conceito bíblico?
- O neoliberalismo econômico influenciou o entendimento da doutrina da mordomia cristã no movimento neopentecostal nos dias atuais?

2 Metodologia

Como método, nos utilizamos da pesquisa bibliográfica abrangendo livros, artigos, teses e dissertações de forma a produzir a fundamentação teórica do tema proposto.

O método de pesquisa baseia-se na forma descritiva visando estabelecer a relação entre as variáveis do objeto de estudo em questão.

3 Desenvolvimento Histórico e Conceitual de Mordomia

3.1 Definição do termo mordomo no Hebraico

Na Bíblia Hebraica Stuttgartensia (1997), o termo utilizado é שָׂר (Sar), e conforme o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (1998), “Sar” tem o significado de oficial; líder; funcionário; mordomo; comandante; capitão; chefe; príncipe; governante. O termo se aplica a certos indivíduos que são “oficiais do rei” ou “representantes reais”. Por exemplo, em Gênesis 12:15 que diz: “E viram-na os *príncipes* (Sar) de Faraó, e gabaram-na diante de Faraó; e foi a mulher tomada para a casa de Faraó” (Almeida Revista e Corrigida - ARC). Em outros contextos, Sar se refere a homens que tem responsabilidades sobre outros; são governantes e chefes, também Sar pode significar um líder de uma profissão, um grupo, um distrito, como Ficol, que era chefe do exército de Abimelec (Gn 21.22), ou Potifar que foi funcionário de faraó, capitão da guarda ou dos guarda-costas (Gn 37.36). Sar é um chefe, um funcionário, um oficial, um mordomo (Gn 40.2).

Desta forma, mordomo no contexto velho-testamentário, refere-se a alguém que recebe a confiança e responsabilidade de seu senhor para cuidar de seus negócios, de sua casa e representar autoridade política ou religiosa. Do Sar (mordomo), espera-se que se porte com fidelidade, sabedoria e prudência e suas ações devem buscar sempre atender e agradar a vontade de seu senhor.

Ainda que o mordomo tivesse autoridade sobre os bens que estão sob sua responsabilidade, estes não lhe pertenciam, e deles terá que prestar conta ao seu dono, bem como responder pelo bem-estar dos outros servos da casa, inclusive dos animais. Também o mordomo deveria trabalhar para manter a boa ordem de todos os negócios que o seu senhor deixou em seus cuidados.

3.2 Definição do termo mordomo no grego

A palavra equivalente do grego é “Οικονομο” que conforme Mounce (2012), oikos significa casa e nomos é traduzido por normas, lei, o administrador, aquele que executa as normas da casa, o que governa a casa. Assim mordomo é o “ECÔNOMO” que administra a casa do seu senhor. É o que responde administrativamente pela casa e pelos bens relacionadas a ela.

O “oikonomos” em primeiro lugar é um mordomo porque os gastos e receitas do seu senhor estão sob sua responsabilidade, bem como a administração de todos os negócios do

proprietário da casa, ele é o gerente ou curador. Em segundo lugar, ele é um tesoureiro. Em Romanos 16.23 Paulo chama Erasto de oikonomo, o nome que davam os romanos ao magistrado encarregado dos assuntos financeiros. Em terceiro lugar, o oikonomos é um administrador que cuidava dos filhos e dos demais servos da casa. Sua função maior era supervisionar e alimentar aos domésticos, servindo de guardião das crianças e de mentor para os que ainda não haviam atingido a maturidade (MOUNCE, 2012).

3.3 Definição do termo mordomia no Latim

Mordomia é uma palavra de origem latina que significa “administrar uma casa que não é sua” e deriva da palavra mordomo que, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), vem do latim medieval Majordomus. Major, em latim, é maior ou principal, e domus, casa com tudo que ela contém e significa. Assim mordomo é o principal servo, o que administra a casa do seu senhor.

Alguns termos sinônimos de majordomus são encontrados da Vulgata Latina (SSB, 2011):

- Procuratoris nomus: Conforme o Dicionário Latino Português (2009) “procurador” é o mordomo, dirigente, funcionário judicial, agente. O procurador era um magistrado imperial para a província, nomeado pelo imperador e imediatamente responsável perante o reino. Desta forma, a função do procurador estava relacionada com administração do tesouro. Ocasionalmente, o procurador também governava a província com poderes de governador.
- Dispensator (I Co 4:2, Lc 12:42, Rm 16:23, Gl 4:2) é outra expressão do latim traduzida por Dicionário Latino Português (2009), como despenseiro, administrador, também tinha o sentido de mordomo, tesoureiro e curador. O dispensator usufruía de considerável autoridade no gerenciamento do que lhe fora confiado, devendo se esmerar para que tudo estivesse em ordem e devendo sempre prestar conta para os magistrados que deram a responsabilidade de administrador.

3.4 Definição do termo mordomia na atualidade

Observamos a existência de dois conceitos de mordomia em nossos dias:

a) O conceito secular: Conforme o Dicionário Aurélio (online), quando se fala em mordomia a ideia que vem à mente normalmente está relacionada a regalias, privilégios ou bem-estar obtidos sem esforço;

b) O conceito cristão: Neste âmbito, mordomia tem um significado muito mais profundo, se referindo ao conjunto de bens, tanto materiais quanto espirituais, sobre o qual Deus nos constituiu como administradores, sendo que todas as coisas pertencem a Ele, como preconiza Lindholm:

A mordomia cristã é a prática de o crente dar, sistemática e proporcionadamente, de seu tempo, seus dons, e suas posses materiais, persuadido de que estes lhe foram confiados por Deus para serem usados no seu serviço e para o benefício de toda a humanidade. (LINDHOLM, 1986, p. 9).

No contexto bíblico, a mordomia é entendida não apenas no âmbito financeiro, envolve cuidar da casa, dos filhos, da esposa e tudo que o senhor da casa possui, incluindo dar a sua própria vida para proteger o seu senhor, entendendo que tudo pertence ao seu senhor e que o alvo principal é agradá-lo.

Notamos em diversas citações bíblicas que o povo de Israel reconhecia a Deus como o dono, o senhor sobre todas as coisas. Vemos tal reconhecimento por exemplo na oração de Davi logo após o povo ter oferecido abundantes ofertas para a construção do templo de Jerusalém em II Cr. 29:14: “Porque quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos dar voluntariamente estas cousas? Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos. ” (Almeida Revista e Atualizada - ARA).

Outros inúmeros textos da Bíblia trazem este reconhecimento que Deus é dono de todas as coisas, citaremos apenas alguns deles: “Eis que os céus e os céus dos céus são do Senhor teu Deus, a terra e tudo que nela há” (Dt 10:14 – ARA); “... a terra é minha; pois vós sois para mim estrangeiros e peregrinos” (Lv 25:23 - ARA); “Minha é a prata, meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos” (Ag 2:8 – ARA). No conhecido Salmo 100, v.3 também encontramos este ensinamento: “Sabei que o Senhor é Deus; foi ele quem nos fez e Dele somos; somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio” (ARA), logo, no conceito bíblico quanto à mordomia, pertencemos a Deus, Ele é o nosso senhor e aquilo que seguramos em nossas mãos por alguns instantes, não nos pertence, e sim, pertence a Deus, sendo que é Ele quem nos tem confiado para usarmos no seu serviço e para sua glória.

4 Neopentecostalismo

O nascimento da igreja chamada “evangélica” no Brasil, tem como marco inicial a chegada de missionários estrangeiros no século XIX, representantes do protestantismo histórico que fundaram as denominações: Congregacional, Presbiteriana, Luterana, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista. Denominações estas que surgiram a partir da Reforma Protestante, tendo um caráter mais racionalizado e ético, rejeitando formas de mediação com Deus, pois defendem em suas confissões de fé que Deus é uma entidade supramundana e inacessível (WEBER, 2005).

O Neopentecostalismo é considerado um movimento derivado do pentecostalismo clássico que surgiu nos Estados Unidos no ano 1900 em um seminário na cidade de Topeka, estado do Kansas e depois migrou para Los Angeles em 1906 (CÉZAR, 1999).

O movimento pentecostal tem como principais características "batismo com o Espírito Santo", dando forte ênfase aos dons do Espírito como glossolalia (variedade de línguas), curas milagrosas, profecias, interpretação de línguas e discernimento de espíritos, dentre outras características. No Brasil, o movimento pentecostal teve início no ano de 1910 com a Congregação Cristã no Brasil e a Assembléia de Deus em 1911. Paul Freston que divide o pentecostalismo brasileiro em três fases, chama esta primeira fase que marca o nascimento do movimento pentecostal do Brasil de “**primeira onda**”, inda que tais eventos não se mostrem desvinculados, pois elas sofrem forte influência uma das outras. Com esta metodologia, busca-se na verdade ordenar os fatos de forma a sistematizar a evolução histórica destes fenômenos (MARIANO,1999).

A partir dos anos 1950 inicia-se a “**segunda onda**” com a chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção e outras de menor expressão.

A exemplo das igrejas da primeira onda, essas igrejas também possuem a forma de mediação do homem com seus elementos místicos, porém trazem junto uma modernização: o uso do rádio para divulgação de sua mensagem, além de desenvolverem um evangelismo itinerante em tendas espalhadas pelo Brasil, resultando num crescimento expressivo (MARIANO, 1999).

Outra característica dessa onda foi o desenvolvimento de um corpo burocrático para administrar a igreja, de forma que continuasse perpetuando-se além da vida de seus fundadores (MARIANO. 1999).

O Neopentecostalismo na década de 1970 constituiria a “**terceira onda**”, na qual estão inseridos a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), e a Internacional da Graça de Deus (1980). Além destas, podemos citar outras que surgiram a partir da década de 1980: Cristo Vive, a Renascer em Cristo, a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, a Comunidade Cristã da Paz e Vida, Igreja do Avivamento Contínuo, entre muitas outras.

Pode-se afirmar que o movimento neopentecostal no Brasil está diretamente ligado à fundação da Igreja Cruzada do Caminho Eterno em 1975 por R.R. Soares, seu cunhado Edir Macedo, Roberto Lopes e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho. Devido a conflitos com os irmãos Coutinho, Edir Macedo e R.R. Soares se separaram e formaram a Igreja Universal do Reino de Deus em 1977. Em 1980 surgiram novos conflitos que motivaram o rompimento entre Edir Macedo e R.R Soares fundando este a sua própria igreja, a Internacional da Graça de Deus. Tanto Soares quanto Macedo foram dissidente da Igreja de Nova Vida, fundada pelo canadense Robert McAlister, que já apresentava características que a diferenciava das demais igrejas pentecostais (MARIANO, 2005).

Percebe-se que a segunda e terceira onda ainda que difiram em muitos aspectos, também compartilham diversas características, numa influência mútua como aponta Mariano:

O Neopentecostalismo está bem distante do pentecostalismo clássico, embora este tenha sido contaminado por aquele. Mas os berços paradigmáticos de um e de outro são os mesmos. Sua ênfase teológica não é mais cristológica e sim pneumatológica. (MARIANO, 1999, p. 55).

O neopentecostalismo, no seu início, teve como a sua maior expoente a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e até a década passada é o segmento evangélico que mais cresceu no Brasil, principalmente a partir dos anos 90. Uma importante característica desta onda é a busca para obter uma participação política partidária e a forte utilização das mídias eletrônicas como meio de divulgação. Em relação aos seus fiéis, os mesmos são formados das camadas menos favorecidas e que se encontram em situações vulneráveis, ou seja, um público alvo que facilmente se entregam as promessas de soluções imediatas para seus problemas, tais como: desemprego, problemas familiares, doenças, entre outros. Os fiéis são convocados para uma guerra espiritual contra o diabo, que seria o culpado por todos os males sofridos pelos crentes. Fazendo uso da Teologia da Prosperidade, exige-se que se dê para receber de volta, e ao doar os fiéis devem ser desprendidos, corajosos e apostadores (MARIANO, 1999).

Destá forma, percebe-se uma aproximação das características requeridas do fiel neopentecostal a um capacitado capitalista neoliberal, mas ao invés de acreditar no poder de lucro de determinada empresa, acredita no poder soberano de Deus, e no direito que se tem

por ser filho de Deus, e assim busca-se o investimento na fé visando multiplicar as bênçãos a serem usufruídas.

Quanto à sua doutrina, o neopentecostalismo rejeita totalmente a Teologia da Predestinação e abraça a Teologia da Prosperidade. Desta forma, através dos dons do Espírito Santo o homem ganha poder, fala em línguas, profetiza, promove curas e abre a possibilidade de negociação com o divino, de forma a barganhar as graças que se deseja alcançar.

No neopentecostalismo, o fiel é incapaz de vencer pela sua capacidade de tomar uma decisão movido pela sua ética, pois é vítima da opressão do “adversário” e, para desfrutar da prosperidade que Deus tem para ele não é suficiente apenas se livrar do mal, precisa fazer sua doação para ter uma vida próspera. E só através de diversos sacrifícios e ofertas oferecidas a Deus é que o fiel desfrutará de Suas bênçãos, tais como dinheiro, saúde, trabalho, amor; e a salvação, é a recompensa para o outro mundo (MARIANO, 1999).

5 Neoliberalismo Econômico

O neoliberalismo econômico resulta de uma releitura do liberalismo econômico clássico e este, descende de uma ideologia da sociedade burguesa, ideologia esta composta por um conjunto de ideais que tinha por finalidade produzir a segurança da liberdade individual e da propriedade privada, dando o surgimento de uma nova ordem na idade média: a sociedade capitalista.

Quanto ao nascimento do liberalismo, não se teria uma data definitiva, porém estima-se que seu nascimento pode ter ocorrido na transição do feudalismo para o capitalismo.

Conforme Marilena Chauí (2000), a consolidação do liberalismo se deu a partir de mentes ávidas por mudanças, os quais fizeram diferença em seu tempo, tendo como impulsos as revoluções da Inglaterra em 1668 e da França em 1789. Nos Estados Unidos, o marco histórico é dado a partir da luta pela independência no ano de 1776.

Relacionamos alguns dos principais autores que representaram o liberalismo clássico conforme Lafer (1991): John Locke (1632 – 1790), Montesquieu (1689 – 1755), Kant (1767 – 1804), Adam Smith (1723 – 1790), Humboldt (1767 – 1835), Benjamin Constant (1767 – 1830), Alexis Tocqueville (1805 – 1859) e John Stuart Mill (1806 – 1873).

De forma sintetizada os princípios que fundamentam o liberalismo são: liberdade, tolerância, defesa da propriedade privada, limitação do poder do Estado e o incentivo ao individualismo.

No sentido amplo da palavra liberdade, pode-se conceituá-la como estado de ser livre, porém na visão liberalista, este conceito sofre uma transformação mais apurada, buscando abranger a liberdade de pensamento, de expressão e da religião, (ARANHA, 1993).

Outro princípio explorado pelo liberalismo é a tolerância, caracterizada na ideia de liberdade religiosa, e até mesmo propondo a libertação do homem da religiosidade.

Já em relação ao princípio da defesa da propriedade privada, o pensamento liberal propõe preservar as relações capitalistas de produção e a oportunidade ao direito de posse a todos, porém a realidade vivida nos mostra que a propriedade privada não é para todos, e sim, para uma minoria que tem acesso a ela.

Quanto ao princípio do individualismo, o Dicionário de Ciências Sociais define da seguinte forma tal princípio:

Como uma teoria política que enfatizando os direitos da propriedade como condição necessária à liberdade, procura delimitar os poderes governamentais no desenvolvimento dos processos social e econômico. Também é entendido como crença de que o indivíduo é um fim em si próprio e, como tal, deve compreender seu ego e cultivar seu próprio julgamento, apesar das pressões sociais no sentido da conformidade. (Dicionário de Ciências Sociais, 1987, p. 689).

Spencer ao discutir o individualismo proposto pelo liberalismo, entendeu que se trata da valorização do potencial do indivíduo ainda que não se omita o valor do outro, desta forma ele afirma:

[...] o individualismo é sinônimo de confiança no indivíduo e convite ao seu esforço, à procura da máxima tensão de suas forças em busca de seus próprios alvos, sem que isso represente, de maneira alguma, desconhecimento do outro ou desrespeito ao outro, isto é, sem que se confunda, como o sugerem os coletivistas, como forma vulgar de egoísmo (BARROS, 1992, p. 46).

Vale ressaltar que o liberalismo surgiu na era moderna encontrando terreno fértil no humanismo vigente e tendo como principal combustível a busca do bem-estar exterior do homem, ou seja, foco no materialismo em detrimento da preocupação com as relações inerentes à espiritualidade e interioridade do homem. (VOM MISES, 2010).

Este importante movimento transformou a Europa e o mundo em sua totalidade. A princípio seus ideais visavam uma quebra de paradigmas e a libertação da mente do homem. O movimento achou apoio na Reforma Protestante e buscou libertar o indivíduo das imposições feitas pela Igreja Católica Romana por assim melhor definir:

No século XV, com as profundas transformações que ocorriam na Europa (a expansão marítima, o renascimento urbano e comercial e o humanismo/Renascimento), os movimentos que questionavam o excessivo comprometimento da Igreja Católica com os problemas mundanos e materiais ganharam mais espaço e força para se desenvolverem.[...] A burguesia estava insatisfeita porque seus interesses chocavam-se com as posturas da Igrejas, como, por exemplo, a condenação da usura (lucro proveniente de juros exagerados) e da cobiça (desejo de possuir bens materiais e poder). Os Estados nacionais (ou o rei) queriam limitar os poderes temporais da Igreja nas suas fronteiras. O fiel de origem humilde via a Igreja defendendo a exploração feudal e não encontrava nela o apoio espiritual de que tanto precisava naquela época de crise. (MORAES, 1998 p.1)

Após a liberdade do indivíduo em relação ao pensamento imposto pela igreja, ouve o surgimento de inúmeros pensadores que agregaram valores que haviam sido perdidos ao longo de um regime totalitário e absolutista, na Inglaterra, por exemplo, dava-se início a partir de John Locke (1632-1704) ao Liberalismo Político. Defensor da importância da preservação da propriedade e a necessidade de leis que controlem, assim Locke defendia:

O estado de natureza tem para governá-lo uma lei de natureza, que a todos obriga; e a razão, em que essa lei consiste, ensina a todos aqueles que a consultem que, sendo todos iguais e independentes, ninguém deveria prejudicar a outrem em sua vida, saúde, liberdade ou posses (LOCKE, 1998, p. 384).

Para Locke, o Estado deveria assumir as suas responsabilidades em relação às necessidades sociais e políticas, sendo este o provedor das soluções necessárias para o equilíbrio e desenvolvimento da sociedade:

[...] o governo civil é o remédio adequado para as inconveniências do estado de natureza, que certamente devem ser grandes; quanto aos homens é facultado serem juízes em suas próprias causas, pois é fácil imaginar que aquele que foi injusto a ponto de causar injúria ao irmão dificilmente será justo o bastante para condenar a si mesmo por tal (LOCKE, 1998, p. 392).

Assim percebemos que com o início do pensamento politizado, esperava-se que muita coisa mudasse, e mudou! A burguesia reivindicava mais poder sobre o governo absolutista que em certo ponto ajudou, mas posteriormente, o mesmo regime absolutista veio a trazer dificuldades para o desenvolvimento da livre economia.

A Revolução Francesa de 1789, de forma geral, foi uma revolução da burguesia na busca de um governo que os defendesse sem impor limite algum. Os detentores de propriedade privada, tinham seus direitos plenamente assegurados mediante um contrato, restando aos menos favorecidos a venda de sua força de trabalho. Assim, a burguesia,

aclamava para si mais segurança quanto aos direitos de propriedade e acúmulo de bens, como explana Moraes:

A burguesia estava insatisfeita porque seus interesses chocavam-se com as posturas da Igreja, como, por exemplo, a condenação da usura (lucro proveniente de juros exagerados) e da cobiça (desejo de possuir bens materiais e poder). Os Estados nacionais (ou o rei) queriam limitar os poderes temporais da Igreja nas suas fronteiras. O fiel de origem humilde via a Igreja defendendo a exploração feudal e não encontrava nela o apoio espiritual de que tanto precisava naquela época de crise. No aspecto teórico, o Renascimento foi muito importante, uma vez que, de acordo com sua postura antropocêntrica valorizava o homem e sua individualidade e ainda o espírito crítico do intelectual e cientista. Isto contribuiu muito para uma aproximação entre fé e razão e para a revisão de atitudes religiosas, como a ideia de que a interlocução com Deus poderia ser individual, sem a mediação do clero; ou ainda que a interpretação da Bíblia deveria ser livre e pessoal. Gradativamente, foram sendo criadas na Europa condições para o surgimento de religiões mais adaptadas ao espírito capitalista. (MORAES, 1998 p.2)

Com o desenvolvimento do liberalismo econômico, Adam Smith (1723-1790), defende uma melhor distribuição da riqueza. Segundo ele, o contexto no qual estava inserido lhe permitia falar de um trabalho socialmente dividido, baseado no contrato de patrão e empregado:

Essa divisão do trabalho, da qual derivam tantas vantagens, não é, em sua origem, o efeito de uma sabedoria humana qualquer que preveria e visaria a esta riqueza geral à qual dá origem. Ela é a consequência necessária, embora muito lenta e gradual, de uma certa tendência ou propensão existente na natureza humana que não tem em vista essa utilidade extensa, ou seja: a propensão a intercambiar, permutar ou trocar uma coisa pela outra (SMITH, 1996, p. 73).

A Revolução Industrial transformou a história e a sociedade da Inglaterra. Um país que passou por transformações substanciais, de uma sociedade composta por camponeses na prática agrária para uma indústria de produção têxtil de larga escala. Como a produção é limitada por conta do fator humano, o capitalista fica na dependência física do indivíduo que compõe seu quadro de funcionários. Com a mecanização de sua linha de trabalho, o lucro é substancialmente aumentado em sua produção. Sobre esta questão Marx afirma:

A máquina da qual parte a revolução industrial substitui o trabalhador que maneja uma única ferramenta por um mecanismo que ao mesmo tempo opera com certo número de ferramentas idênticas ou semelhantes àquela, e é acionado por uma única força motriz, qualquer que seja sua forma. Temos então a máquina, mas ainda como elemento simples da produção mecanizada. (MARX 1987, p. 429)

A máquina restringe a mão de obra do trabalhador, conseqüentemente esta fica desqualificada e, na busca se obter mais lucro, absorve-se a mão de obra feminina e infantil visando o aumento da produção.

A realidade do liberalismo é mais evidente entre aqueles que possuem um enorme capital acumulado. A tecnologia faz com que a produção aumente às custas de uma classe trabalhadora normalmente em estado de miséria.

Com o crescimento da economia capitalista, ocorre certa dissolução entre os Estados da Europa, tal discrepância foi o estopim para diversos conflitos sociais. A partir destes conflitos surgiram pessoas preocupadas com a questão social. Então a filosofia liberal no século XIX, passa a discutir a igualdade dos trabalhadores buscando leis que promovesse certa proteção para esta classe. Em contrapartida, o liberalismo defende a propriedade privada de forma ferrenha dificultando a conciliação entre interesses econômicos e a massa trabalhadora.

O liberalismo clássico propunha um mercado livre da intervenção do Estado, porém tal propósito não beneficiou a todos, e promoveu uma desigualdade nítida entre as classes, sendo que a igualdade, que era o desejo defendido no início pelo próprio liberalismo, torna-se uma utopia inalcançável.

O neoliberalismo econômico surgiu na década de 1970 como uma redefinição do liberalismo clássico, propondo uma mínima intervenção do Estado na economia e nas políticas sociais, porém garantindo as condições mínimas para a sustentabilidade da sociedade, como preconiza Harvey:

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas; o Estado tem de garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro. Deve também estabelecer as estruturas e funções militares, de defesa, da polícia e legais requeridas para garantir direitos de propriedade individuais e para assegurar, se necessário pela força, o funcionamento apropriado dos mercados. Além disso, se não existirem mercados (em áreas como a terra, a água, a instrução, o cuidado de saúde, a segurança social ou a poluição ambiental), estes devem ser criados, se necessário pela ação do Estado. Mas o Estado não deve aventurar-se para além dessas tarefas. As intervenções do Estado nos mercados (uma vez criados) devem ser mantidas num nível mínimo... (HARVEY, 2008, p. 12).

Para os neoliberais, o modelo liberal da sociedade não fracassou, mas teria sido abandonado, não sendo possível tê-lo colocado em prática por ter sido feito uma leitura equivocada de seus princípios, como preconiza Von Mises em relação ao direito de igualdade:

Em nenhum ponto fica mais claro e mais fácil demonstrar a diferença entre o raciocínio do velho liberalismo e o neoliberalismo, do que no tratamento da igualdade. Os liberais do século XVIII, guiados pelas ideias da lei natural e do iluminismo, exigiram para todos, igualdade nos direitos políticos e civis, por que pressupunham serem iguais todos os homens [...]. No entanto, nada mais infundado do que a afirmação de suposta igualdade de todos os membros da raça humana [...]. A natureza nunca se repete em sua criação; não produz nada às dúzias, nem são padronizados os seus produtos. Cada homem que nasce de sua fábrica traz consigo a marca do indivíduo, único e irrepetível. (VON MISES, 2010, p.57).

O neoliberalismo reivindica a igualdade na lei, não tendo por base o argumento de que somos naturalmente iguais. A igualdade perante a lei se faz da seguinte forma: que o trabalhador seja livre e objetive a mais alta produtividade, e que possa receber através do salário, os frutos de seu trabalho, havendo desta forma manutenção da harmonia social.

Os neoliberais defendem que o único sistema possível de organização social, baseado na divisão do trabalho é o capitalismo.

6 Neoliberalismo Econômico e o Neopentecostalismo

A década de 1970 se mostrou um período de grande efervescência no mundo com as propostas do neoliberalismo econômico. Neste período, no Brasil, nascia o neopentecostalismo, ao mesmo tempo que chegava duas correntes teológicas importadas dos EUA que influenciaram fortemente o neopentecostalismo em seu nascimento: a teologia da prosperidade e a teologia da batalha espiritual.

Ainda que a teologia da prosperidade tenha surgido na década de 1930 com E.W.Kenyon, ela alcança seu ápice exatamente na década de 1970 com Kenneth Hagin, o qual trabalhou a saúde e a prosperidade como carros chefes de sua teologia como o próprio Hagin preconiza: “Nós, como cristãos, não precisamos sofrer reveses financeiros; não precisamos ser cativos da pobreza ou da enfermidade! Deus proverá a cura e a prosperidade para seus filhos se eles obedecerem aos seus mandamentos” (HAGIN, s/data, p.66).

Sendo assim, conforme tal teologia, o cristão como filho de Deus e como co-herdeiro de Cristo deve lançar mão do que lhe é de direito, ou “tomar posse” e “colher o melhor da terra” como se fala na linguagem própria do meio, seja da saúde, ou do sucesso ou do objeto

de desejo, estando atento ao que pode impedi-lo de conquistá-lo: a falta de fé e a resistência do diabo, como afirma Hagin: “Por que, pois, o diabo – a depressão, a opressão, os demônios, as enfermidades e tudo mais que provém do diabo – está dominando tantos cristãos e até mesmo igrejas? É porque não sabem o que pertence a ele”. (HAGIN, 1998, p. 37).

No pensamento de Hagin, seu principal proponente, a teologia da prosperidade prega que o sucesso financeiro, a saúde, e a felicidade, devem ser características de todo cristão autêntico, pois esta é a vontade de Deus para seus filhos, e estes filhos tem todos os recursos já disponibilizados por Deus, como cita Hagin: “Ele (Deus) nos deu, individualmente um cheque assinado, dizendo: “preencha-o”. Deu-nos, um cheque assinado, cobrável aos recursos do céu” (HAGIN, 1988, p. 19).

O neopentecostalismo encontra na teologia da prosperidade a sua filosofia ideal, a qual contribuiu em muito para a rápida aceitação do movimento neopentecostal, rompendo assim a resistência imposta pelos ideais do protestantismo histórico que pregavam exatamente a negação dos prazeres da carne e das coisas relacionadas ao mundo, pensamento bem trabalhado por Max Weber (2005).

A Igreja Universal do Reino de Deus assimilou rapidamente a teologia da prosperidade e de modo bem explícito prega que os cristãos são destinados à riqueza, à felicidade e à saúde aqui na terra. Como filho de Deus o fiel neopentecostal merece usufruir do reino aqui e agora e não apenas esperar vitória na vida posterior a esta.

Desta forma, o neopentecostalismo achou na teologia da prosperidade o fio condutor ideal para se colocar no mundo do consumo que está em pleno desenvolvimento e sendo alimentado pelo neoliberalismo econômico dominante no mundo ocidental. Porém, ainda faltava explicar os casos de falha do discurso, ou seja, o não enriquecimento por parte do público alvo. O neopentecostalismo encontra as repostas que precisa numa nova corrente teológica: a teologia da batalha espiritual.

Logo, nos casos onde as promessas de prosperidade não se concretizam a teologia da batalha espiritual vai propor as respostas necessárias: o fiel não teve fé, está a sofrer ataque do demônio, cometeu pecados ocultos, ou ainda está a sofrer as consequências dos pecados de seus antepassados e por isso não pode apropriar-se das bênçãos. (CAVALCANTI, 1995)

A teologia da batalha espiritual já se encontrava presente no pentecostalismo, porém é na terceira onda que se faz uma releitura desta teologia e o mal, personificado na figura de Satanás, se torna o inimigo a ser destruído para se alcançar a prosperidade tão sonhada. Percebe-se isso na oração feita em um templo neopentecostal registrado por Mariano:

Que o Senhor venha atender os nossos pedidos. Venha nos dar prosperidade, saúde(...)eu quero que os espíritos malditos, os demônios que estão na vida destas pessoas colocando a miséria, os problemas, o desemprego, saiam. Podem manifestar, vamos. Manifesta o Tranca Rua. Você que está trancando os aumentos salariais das pessoas. Você que está tirando a felicidade das pessoas. Você que está no estômago, nas pernas, na cabeça, na vida financeira, vai saindo. Os Exus-Caveira, o oxalufã, a Pomba-Gira, sai, sai. Você que está colocando o vírus da AIDS, a gastrite, a infelicidade, pode manifestar agora. O Lúcifer, a Maria-Bonita, a Pomba-Gira Sete Gargalhadas do Bordel, podem manifestar agora. Vocês vão ser queimados, queimados, queimados. Vamos, começa a manifestar agora, vamos. Você que coloca caroço no seio, coloca câncer, sai agora. Vai sendo queimado agora em nome de Jesus. Vai queimando, Jesus, todo mal, toda doença, toda enfermidade. Em seguida os fiéis são orientados a segurar ou colocar as mãos em objetos que simbolizem sua prosperidade financeira, como carteira, bolso, talão de cheques, e orar com fé, pedindo o aumento salarial ou algum bem que desejam adquirir. Por fim, acompanhando o pastor, todos amaldiçoam e expulsam toda miséria e todo mal existentes em sua vida, esbravejando "sai, sai"(MARIANO, 1995, p. 119).

Com a teologia da batalha espiritual, o neopentecostalismo transfere toda a responsabilidade dos problemas dos fiéis, da sociedade ou do Estado para o campo espiritual e como consequência do ataque do Diabo contra os filhos de Deus tentando impedir sua prosperidade. Problemas como desemprego, conflitos de relacionamentos, corrupção, pobreza, etc, são frutos do trabalho demoníaco e precisam ser expurgados por meio da “oração forte”, em campanhas de oração e jejuns, propósitos de entrega de valores que retornaram como bênçãos de Deus para a vida do fiel.

As políticas neoliberais passaram a influenciar mais fortemente o Brasil nos anos 90, que estava numa fase de fim do militarismo e início da redemocratização, o que levou o país a estar aberto a novas tecnologias, a terceirização de serviços e para um menor controle econômico por parte do Estado. Tais mudanças alteraram a vida do brasileiro em direção à liberdade de escolha, e por outro lado, ao crescimento do individualismo e da violência.

Anteriormente, o capitalismo discutido por Weber (2005), que exigia um agente econômico rotineiro e metódico e encontrou apoio na Teologia calvinista da Predestinação, onde Deus distribuía as graças ao acaso, acabou gerando nos devotos uma necessidade de produzirem uma postura racional, obediente e disciplinada.

Já com o advento do neoliberalismo, caracterizado pela flexibilidade, o indivíduo foi incentivado a ser cada vez mais desprendido, corajoso e apostador, sendo exatamente as características cobradas ao fiel neopentecostal.

O neopentecostalismo inaugurou um tipo de racionalidade diferente do proposto por Weber em sua Sociologia das religiões, no qual defendia que o processo de racionalização das

religiões significaria a eliminação da magia e a implementação da ética na orientação das condutas (MARIANO, 1999).

O neopentecostalismo propôs o intenso uso dos símbolos místicos nos ritos de culto ao mesmo tempo em que, buscou dar para a igreja um caráter empresarial, de maneira a instituir o modo racional não no sentido ético, como o sociólogo imaginava que aconteceria. Conseqüentemente, fazendo uso da espiritualidade, e da fragilidade dos indivíduos, seja ela material, emocional ou física, criando para este homem o “Deus” da retribuição.

Desta forma, o fiel doador depende somente do seu sacrifício para conseguir alcançar a sua prosperidade. Como resultado, as vitórias ou derrotas são de total responsabilidade do fiel, do tamanho da sua fé, e da sua disposição de fazer o sacrifício necessário (MARIANO, 1999).

Segundo Mariano (1999), no neopentecostalismo ocorreu uma rápida conformação ao novo sistema do mundo, sistema que influenciou com força a maneira de se administrar a igreja, conseqüentemente deixou para trás as tradições, o conservadorismo, as doutrinas, características pelas quais os “crentes” eram reconhecidos, e desta forma, abre-se o leque, abre-se a possibilidade de mais pessoas poderem participar, pois não há uma doutrina rígida a ser seguida.

A acomodação do espírito do neoliberalismo pelas igrejas neopentecostais buscava suas justificativas sobre o ideal do bem-estar geral, e o discurso econômico e religioso se relacionam num fluxo de mão-dupla onde o neoliberalismo oferece justificativas racionais para o discurso religioso e este oferece justificativas morais para práticas amorais daquele. O neopentecostalismo parece se propor a ser uma ferramenta do novo espírito do capitalismo buscando mobilizar o seu público alvo de fiéis na corrida pelo sucesso como defende Torres:

Na competição social lidando com a perspectiva de futuro que caracteriza uma classe de pessoas “sem futuro”. É por isso que todas as formas bem-sucedidas de discursos nesta tarefa de motivar a “ralé” na luta secular pelo sucesso apelam para noções como “ adaptação, “flexibilidade”, “jeitinho”, etc. (TORRES, 2007, p. 117).

Com esta flexibilidade assimilada pelo neopentecostalismo, o entendimento do conceito de mordomia cristã passa a sofrer uma metamorfose, a qual se torna perceptível no discurso de suas pregações, que certamente recebe forte influência do neoliberalismo econômico que moldou a teologia neopentecostal, como defende Leonildo Siqueira Campos em seu estudo sobre uma das igrejas deste segmento:

O fenômeno Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) seria impossível sem o surgimento do moderno mercado, do círculo de consumidores, do estabelecimento de uma perfeita ligação entre produtores e consumidores ao redor de uma linguagem exteriorizada pelos meios de comunicação de massa. Nessa Igreja, a velha fórmula catolicismo-protestantismo-pentecostalismo, de séculos de sucesso, é ultrapassada por um empreendimento dinâmico e, ao mesmo tempo, flexível, tal como o capitalismo liberal espera para os operadores no grande mercado dos bens religiosos. (Campos, 1997, p. 237).

Mariano também comenta sobre influência do neoliberalismo econômico no movimento neopentecostal citando também o discurso da IURD, uma das principais expoentes deste movimento:

Nos cultos da [Igreja] Universal, além de exortados a pagar o dízimo, a dar ofertas com desprendimento e a participar da corrente da prosperidade, os fiéis, ansiosos por enriquecer, são aconselhados a deixar de ser meros empregados. Recebem incentivos para abrir negócios e se tornar patrões, desejo da maioria dos que vendem sua força de trabalho no mercado. Para enriquecer, portanto, não adianta apenas confessar a fé correta e exigir seus direitos. Devem trabalhar, ser astutos e aproveitar as oportunidades. Semanalmente, a Universal realiza a “corrente dos empresários”. (MARIANO, 1999, p. 163).

Todas estas influências tendem a minar a ideia do serviço do cristão, a ideia do mordomo que cuida dos negócios de seu senhor. Por isso, mordomia não é uma palavra muito popular na atualidade, deixando desta forma espaço para surgir um mal que está dentro do coração humano, a cobiça, como apontou Calvino:

Nossa cobiça é um abismo insaciável, a menos que seja ela restringida; e a melhor forma de mantê-la sob controle é não desejarmos nada além do necessário imposto pela presente vida; pois a razão pela qual não aceitamos esse limite está no fato de nossa ansiedade abarcar mil e uma existências, as quais de balde sonhamos só para nós. (CALVINO, 2009, p. 168).

Tal cobiça tratada por Calvino conduz o ser humano, que foi instituído por Deus como mordomo de toda a criação, a exercer o domínio de forma tirana, como se fosse dono ou explorador de algo conquistado por ele, desta forma negligencia sua função de cuidador, de gerenciador da criação, esquecendo-se que terá de prestar conta ao verdadeiro dono de todas as coisas.

Considerações finais

Ao analisarmos a história do desenvolvimento do movimento neopentecostal, podemos perceber um constante distanciamento em relação às igrejas pentecostais clássicas e ainda mais em relação às igrejas reformadas históricas.

Tal distanciamento vai se fazer presente em todos os âmbitos, inclusive nas doutrinas pregadas por estes segmentos religiosos. Notamos como rapidamente o neopentecostalismo se conformou aos novos paradigmas, agora presentes na sociedade pós-moderna, regidos pelo consumo desenfreado e fruto do neoliberalismo econômico.

Anteriormente, se reprovava a cobiça pelas coisas terrenas, pela luxúria, como diria os pentecostais da primeira onda, o amor pelas coisas “mundanas”. Agora no neopentecostalismo incentiva-se a lutar por elas, possuí-las, o “ter” passa a ser a marca do verdadeiro cristão, a prova de uma vida espiritual abençoada por Deus, e o sofrimento, e as dificuldades, e as lutas são expressões de uma vida isenta da benção de Deus ou sob a maldição do diabo.

Podemos afirmar que o neoliberalismo não é apenas uma política econômica, pois influencia toda a sociedade, inclusive as religiões. Tal influência é confirmada pela adaptação do discurso religioso aos conceitos econômicos vigentes, como também o frequente uso pelas igrejas das ferramentas e estratégias aplicadas no mercado empresarial visando aumentar o número de fiéis, sendo que estes são vistos como clientes em potenciais. Assim, o grande êxito das igrejas neopentecostais, principalmente nas camadas menos favorecidas, se deve, em grande medida, exatamente pelas estratégias empresariais e de marketing que visam gerar uma necessidade nas massas e depois supri-las.

Percebemos ainda no neopentecostalismo uma inversão de posições em relação ao senhor e o servo, contrapondo os escritos bíblicos, tanto do Testamento Judaico como do Testamento Cristão. Enquanto estes apresentam Deus como Senhor de todas as coisas, dono de todo o ouro e de toda a prata e soberano absoluto e coloca o homem como criatura a quem foi dado o mandado de ser cuidador da criação, ou seja, o mordomo que, em momento adequado terá que dar conta de como administrou aquilo que estava em suas mãos, o discurso neopentecostal apresenta o homem como um ser divino com direito e privilégios que devem ser atendidos por Deus. Agora é dado ao homem o direito de reivindicar sua herança que deve ser usufruída aqui nesta terra e não numa vida vindoura.

Logo, a mordomia cristã no meio neopentecostal sofre abrupta transformação, passando do conceito de serviço, de dedicação, de cuidado, de boa administração daquilo que é de Deus, para a ideia de uma vida regalada, de possuir e provar o melhor da terra, de tomar posse tanto do poder de Deus como dos valores terrenos. Nesta nova leitura da mordomia cristã, Deus, antes Senhor Supremo, passa a ser o realizador dos sonhos dos homens, de seus luxos e caprichos. As promessas de Deus são distorcidas e usadas contra Ele mesmo, de forma a forçá-lo a atender a concupiscência do homem.

A palavra mordomia não é de uso comum em nosso vocabulário, parece ter envelhecido com o passar dos anos. Como consequência da ausência do ensino da doutrina da mordomia cristã no meio evangélico, essa importante doutrina se tornou estranha para muito leigos na Igreja. Por mordomia, os leigos entendem como alguém que vive rodeado de privilégios, alguém que vive provando “o melhor da terra”, cheio de conforto e regalia. Este entendimento se mostra como uma grande ironia ao significado original do termo.

Como consequência desta distorção da doutrina da mordomia cristã, ocorre um ataque direto à soberania de Deus, a qual é drasticamente afetada e diminuída. No discurso neopentecostal Deus é constantemente colocado contra a parede, pressionado a cumprir suas promessas para com o homem, que alcança seu status de possuidor de direitos, pois ao cumprir a sua parte de pagar o dízimo, fazer o seu sacrifício, ter fé e declarar as bênçãos de Deus em sua vida, pode agora cobrar que Deus cumpra a sua parte. Nesta relação de negócio, se o fiel tem deveres para com Deus, logo, tem também direitos a reclamar, dos quais Deus não pode se eximir de cumpri-los.

Não apenas o discurso, mas a prática cristã também recebe fortemente os raios da influência de uma distorção no entendimento da mordomia cristã. Ao abandonar o princípio bíblico que Deus é o Senhor soberano e que existimos para Ele e não o inverso, o cristão passa a desenvolver forte relacionamento com o sistema deste mundo, com seus valores hedonistas em extremo, passando a ser guiado por interesses materiais e pela busca dos prazeres.

No entendimento apontado pela Bíblia, o mordomo tinha uma grande responsabilidade sobre si, ele não tinha que dar contas apenas das terras, do dinheiro, dos objetos de valores e os bens materiais em geral, mas também tinha que cuidar da esposa e dos filhos de seu senhor, e conseqüentemente da reputação de seu senhor. Ao entendermos o real significado da mordomia cristã, percebemos também o que Deus espera de nós quando nos constituiu mordomos. É, portanto com muito temor e tremor que devemos assumir nossa responsabilidade, mas também devemos assumir este importante papel de sermos mordomos

de Deus com alegria em nossos corações por ele ter nos concedido a oportunidade de glorificar o seu nome com nossas habilidades, nossos dons, e tudo aquilo que ele tem colocado em nossas mãos.

Certamente temos um papel importante como pregadores da palavra de Deus, precisamos voltar a anunciar em nossos púlpitos o verdadeiro entendimento e o valor da doutrina da mordomia cristã, também precisamos mostrar para a sociedade, para aqueles que tem o compromisso de administrar a cidade, o estado e até mesmo nossa nação que se faz necessário agir como bons mordomos, pois o dono de todas as coisas nos pedirá contas.

Diante desta preocupante realidade de acomodação às influências do mundo pelo neopentecostalismo, deixando-se moldar pelo secularismo e pelo materialismo, mais do que nunca cabe a instrução do Apóstolo Paulo, que ao escrever a igreja de Roma, orienta a igreja para não tomar as formas que o mundo tem nos oferecido todos os dias: “ *E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*”. (Rm 12:2 - ARA).

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofando: introdução à Filosofia**. 2. ed. ver. e atual. São Paulo: Moderna, 1993.
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. **Estudos liberais**. São Paulo. SP: T. A. Queiroz, 1992.
- CALVINO, João. **As Pastorais**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2009.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblia do Brasil, 1993.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corrigida no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblia do Brasil, 1988.
- BÍBLIA, Sacra Vulgata. **Iuxta Vulgatam Versionem**. Barueri, SP: Sociedade Bíblia do Brasil, 2011.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e Mercado. Organização e Marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis, São Paulo, São Bernardo do Campo: Vozes/Simpósio/Umesp, 1997.
- CAVALCANTI, Robinson. **Predestinados à riqueza e ao poder. Civilização em transição**. In Contexto Pastoral. Rio de Janeiro/Campinas: Cedi/Cesep, 1995.
- CÉSAR, Waldo. **Pentecostalismo e o Futuro das Igrejas Cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo, SP: Ática, 2000.
- DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/mordomia>>. Acesso em: 20 de set. 2016.
- DICIONÁRIO de Ciências Sociais. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1987.
- HAGIN, Kenneth. **Novos Lineares da Fé**. Rio de Janeiro, RJ: Graça Editorial, s/data.
- _____. **O Nome de Jesus**, Rio de Janeiro, RJ: Graça Editorial, 1998.
- HARRIS, R. L.; GLEASON L. A. Jr.; WALTKE B. K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo, SP: Vida Nova, 1998.
- HARVEY, David. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.
- LAFER, Celso. **Apresentação**. In: MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

LINDHOLM, Paul Ross. **Mordomia Cristã e Finanças da Igreja**. Tradução Hope G. Silva. São Paulo SP: Casa Editora Presbiteriana, 1986.

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

MARIANO, Ricardo **Neopentecostalismo: Os Pentecostais Estão Mudando**. Dissertação de mestrado em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de FLCH da USP. 1995.

_____. **Neopentecostais, Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo, SP: Loyola, 1999.

MARX, Karl. **Divisão do trabalho e manufatura**. In: O capital: crítica da economia política. L. I. v. 1. 11. ed. São Paulo, SP: Bertrand Brasil-Difel, 1987.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Caminhos das Civilizações: Da Pré-história aos Dias Atuais**. São Paulo, SP: Atual, 1998.

MOUNCE, William D. **Léxico Analítico Grego do Novo Testamento**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2012.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Vol. 2. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1996.

STUTTARTENSIA. **Bíblia Hebraica**. São Paulo, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

TORRES, R. O. **O Pentecostalismo e o Novo Espírito Capitalista na Modernidade Periférica**. São Paulo, SP: Perspectivas, 2007.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino Português**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VON MISES, Ludwig. **Liberalismo: Segundo a Tradição Clássica**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo e Antônio Flávio Perucci. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

Autorizamos cópia total ou parcial desta obra apenas para fins de estudo e pesquisa, sendo expressamente vedado qualquer tipo de reprodução para fins comerciais sem prévia autorização específica dos autores. Autorizamos também a divulgação do arquivo no formato PDF no banco de monografia da Biblioteca institucional.

José Henrique Lopes Sampaio;
Michel Leandro Guimarães;
Tácito Lúcio Ferreira.

Pindamonhangaba, 07 de dezembro de 2016.